UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CURSO DE PSICOLOGIA

EU E TU: A RELAÇÃO DIALÓGICA PROPOSTA POR BUBER, NAS PSICOTERAPIAS DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA

Orlei Antonio dos Santos

Lajeado, julho de 2020

Orlei Antonio dos Santos

EU E TU: A RELAÇÃO DIALÓGICA PROPOSTA POR BUBER, NAS PSICOTERAPIAS DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA

Artigo apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari – Univates, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Ms. Alice Grasiela Cardoso Rezende Chaves

Lajeado, julho de 2020

Resumo: Neste artigo propomos uma reflexão sobre a relação dialógica proposta pelo filósofo Martin Buber, com base nos fundamentos da Fenomenologia, do Existencialismo e do Humanismo. Ampliamos o campo de análise, ao discorrermos sobre algumas relações existentes entre a perspectiva da relação dialógica e a clínica psicológica, especialmente no que diz respeito à aliança terapêutica existente entre terapeuta/paciente, psicólogo/cliente ou analista/analisando. As análises incidiram na psicoterapia como um dos campos de aplicação da Psicologia, mais especificamente nas psicoterapias de orientação psicanalítica. Nessa ótica, compreendemos que relações dialógicas são intercorrentes na particularidade do encontro entre duas pessoas, dois sujeitos, inicialmente com objetivos distintos, mas convergentes para um encontro terapêutico, um encontro entre “dois Eus”, ou, “um Eu e um Tu”, num olhar buberiano.

Palavras-Chaves: Aliança terapêutica. Dialogismo. Buber.

Abstract: The present article proposes a reflection about the dialogical relationship as proposed by the philosopher Martin Buber, based on the foundations of Phenomenology, Existentialism and Humanism. It expands the analysis ground by discoursing over the existing relations between the perspective of the dialogical relationship and the psychological clinic, especially with regard to the existing therapeutic alliance between therapist/patient, psychologist/client or analyst/analyzing. The analyses focused on psychotherapy as one of the fields of application of Psychology, foremost in psychoanalytic psychotherapies. Upon this perspective, it is understood that the dialogical relations are intercurrent in the particularity of the encounter between two people, two individuals, initiated with different objectives, but converging to a therapeutic encounter, an encounter between "two Selves", or "one I and one Thou", in a Buberian approach.

Keywords: Therapeutic alliance. Dialogism. Buber.

> “Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo, não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar, a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo”.
>
> Hermann Hesse

INTRODUÇÃO

Este trabalho assenta-se nas correntes filosóficas do Existencialismo e da Fenomenologia. Sua gênese está no pensamento filosófico de Martin Buber, em especial na sua obra Eu e Tu, um ensaio sobre a Existência, escrito em 1923.

O aforismo que abre este trabalho, ao mesmo tempo nos introduz no dialogismo relacional, no pensamento “buberiano”. A filosofia de Martin Buber nos ajuda a “tornar visível nosso próprio mundo”, e nada mais. É um instrumento que nos dá acesso a um “outro mundo de imagens além daquele que há em nossa própria alma”.

O homem é um ser racional porque dialoga e o diálogo é a razão entre dois seres (não necessariamente humanos ou com lógica). Existimos em nossas relações. E se existe um Outro, existe um diálogo que possibilita e confirma essa existência. Embora lógica e diálogo tenham o mesmo radical, *logos*[1], a relação dialógica prescinde de pensamento, lógica, razão ou intenção. Ela acontece, simplesmente. Demanda razão no sentido de proporção na relação, implica simetria, e razão no sentido de viver, como propósito. Razão também como justificativa:

---

[1] O termo *logos,* que deu origem à palavra logoterapia, é uma palavra grega que significa *sentido* (XAUSA, 1986, p. 144). A Logoterapia, de Viktor Frankl, seria a “terapia de ‘sentido’”, ou seja, a “cura” pela atribuição de significado às coisas, ou, do/de sentido da vida.

existo para quê? Acontece na especularidade – se o Outro é para, e, por Mim, eu sou o Outro para Ele, e por Ele. Somos existências, atraídas e portadoras de sentido, reciprocamente.

Logo (ou*, "Logos"*), essa atração nos trouxe para cá – "nada posso dar que não esteja em ti", então, nada receberei que não esteja em mim. Por isso, um aforismo de Humberto Maturana poeticamente indica o sentido das relações humanas (o que já é um diálogo): "Amor como o ato de permitir que o outro seja um legítimo outro" (tradução livre). E assim, estamos dialogando.

Essa relação atravessa os campos da Fenomenologia Existencial, do Existencialismo e está presente na Psicologia em suas várias abordagens. Uma hibridização Filosófica, Psicológica, Existencial e Fenomenológica. A relação dialógica está em tudo na vida, isto é, não só no âmbito da Psicologia, mas permeando todos os contatos entre pessoas, e, algumas vezes, entre pessoas e objetos.

A relação dialógica de Martin Buber nas psicoterapias no Brasil e as interfaces dessa relação "Eu-Tu" na aliança terapêutica entre paciente e psicoterapeuta é o tema deste trabalho. Sendo a clínica psicológica, assim como todas as psicoterapias, um processo semiológico e relacional entre duas pessoas, a lógica da relação "Eu-Tu-Isso" é fundamental nesse processo. Inicialmente, há uma assimetria de poder no qual o analista/psicoterapeuta é acreditado como "sujeito suposto saber" e o cliente (ainda não paciente) necessitado deste "saber". Há uma relação intrínseca, é uma relação "senhor e escravo", "mestre e discípulo", se não por outra, pela diferença de potencial. À parte a Filosofia (embora sempre sombreando estas considerações), o que existe, é di-á-logo.

Dessa forma, há que ser considerada por qualquer terapeuta, se não na vida pessoal, na profissional, a existência desta forma relacional na qual o ser humano é, e está, incondicionalmente inserido. Tendo em vista, como já mencionado, que este trabalho encontra suas bases no pensamento de Martin Buber, faz-se necessário um breve comentário a seu respeito.

BUBER: VIDA E OBRA EM RELAÇÃO DIALÓGICA

Martin Buber nasceu em Viena, em 1878, durante o império austro-húngaro. Judeu de nascimento, rompeu muito cedo com os costumes judaicos ortodoxos de sua família para dedicar-se aos estudos seculares da filosofia. Com a separação dos pais, aos três anos, foi criado e educado pelo avô, renomado professor de literatura rabínica. Inspirou-se nas leituras de Immanuel Kant, Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche. Durante a vida abraçou o Hassidismo, ou Chassidismo (judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade) e a defesa do Sionismo (como movimento). Erudito e intelectualizado escreveu em 1923 sua obra mais conhecida, Eu e Tu (*Ich un Du*). Buber faleceu em 1965, aos 87 anos, em Jerusalém, Israel (BUBER, 2001).

Foi um dos pensadores humanistas e existencialistas do século XX e teve grande influência na Filosofia, nas Ciências Humanas e na Teologia. A vida para ele transcorreu como um encontro entre duas atitudes consubstanciadas, nas palavras-conceito Eu-Tu e Eu-Isso (BUBER, 2001). A vida é uma relação dialógica entre pessoas e pessoas, e, entre pessoas e coisas (objetos). Mas, pessoas podem se tornar “coisas” quando a relação se dá com propósitos materiais, ou, de obter alguma vantagem do encontro. Ele propôs então, uma reflexão sobre esses tipos de relação e um retorno à essência das coisas em si, proposta plenamente fenomenológica. Desenvolveu assim, sua filosofia relacional, dialógica.

Tendo em vista a importância da Fenomenologia na obra de Buber, é importante compreendermos a que estamos nos referindo.

Maurice Merleau-Ponty (1999, p.1-3) abre o prefácio da obra Fenomenologia da Percepção com a pergunta “O que é a fenomenologia? ”. Responde em seguida: “é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. E mais adiante, afirma: “Trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar” (1999, p.3). E ao referir-se à contribuição da fenomenologia e como ela mudou o modo de ver e estudar as relações humanas, diz: “a mais importante foi

sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo com o extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade". A fenomenologia é um fluxo, um *continuum*, sem interpretação e tampouco dialética; não procura reduzir explicando, mas descrever extraindo. "O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras" (1999, p.18).

> Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1999, p.3).

Mas pode existir relação dialógica também entre pessoas, objetos e animais e um exemplo é o relato de Martin Buber (2001) quando adolescente. Na fazenda do avô, onde ele morava, havia um cavalo, que era o seu preferido. Um dia, aproximando-se desse cavalo na cerca do potreiro, o seu olhar cruzou com o olhar do animal. Buber relata que sentiu uma "conexão instantânea, profunda, quase mágica naquele cruzamento de olhares", "algo aconteceu", algo "foi dito" a ele e ele respondeu ao apelo; o diálogo acontecera. Intuiu que o cavalo também possa ter sentido "algo". Nunca saberemos o que foi esse "algo", qual a emoção do animal, mas pelo sim, pelo não, Buber, emocionou-se e transformou isso num sentimento. Reconheceu, interpretou, memorizou. E isso lhe bastou. Ficou cativo do "olhar" de um cavalo (BUBER, 2001, p.17).

Então, o que é uma relação dialógica e como ela estaria relacionada à aliança terapêutica?

SOBRE RELAÇÃO DIALÓGICA

Esta relação é um vínculo transferencial, canal de relacionamento recíproco, transferência, vetor do encontro; encontro constelado, encontro analítico, intermédio dos diferentes, a conexão, o meio e a mediação. E sendo o meio, é centro, já não tem mais polos, nem quadrantes nem opostos, é o lado interno e externo do anel ao

mesmo tempo (como uma Fita de Moebius[2]). Parece paradoxal, mas “Os opostos são irmãos [...] o outro também está em você”, conforme Dune (2012, p.13) quando dois se tornam um “Uno”. Amatuzzi nos assinala a importância dessa abordagem:

> A atitude científica define um tipo de relação (a relação objetificante) que não capta a pessoa atual, mas apenas o ser humano como resultado. Para Buber, o centro da pessoa só se revela no *ato da relação*. As afirmações científicas podem ser verdadeiras, mas não caracterizam aquilo que é especificamente humano (AMATUZZI, 2010a, p.19).

Uma relação dialógica pode ser estabelecida com o mundo, com qualquer ser ou coisa exterior a mim. Pode ainda, ser eu comigo mesmo, no momento da introspecção, da autoanálise, da reflexão. É compreender e aceitar o mundo que se apresenta. Mundo que intima, desafia, instiga. Provoca meu íntimo (consciente ou inconsciente) a conectar-se com o íntimo do Outro, em simetria. Aceitar esse desafio é fazer escolhas, consciente delas (o livre arbítrio seria essa consciência das escolhas) e assumir as responsabilidades correspondentes. O momento da decisão, o assentimento, o depósito da confiança, momento da oração (fé à parte), o querer, a concordância.

A nossa vida é feita de permanentes escolhas. A nossa atitude em relação a essas escolhas determina nosso bem-estar, saúde e contentamento (que alguns chamam de felicidade). Adoecemos, com sofrimento psíquico, quando esses opostos complementares, o saudável e o patológico, se antagonizam, não dialogam, discordam, não se reconhecem, não se aceitam ou negam-se, quando são apenas depósitos de ideias de um sujeito projetadas em um sujeito outro. Torna-se então necessário Religar, refazer uma ligação, o reconhecimento de opostos já identificados, a reconexão, o desposar do homem com a natureza, do homem com seu deus. Religar é também a reconexão harmoniosa do homem com sua própria natureza e com a “natureza coletiva” - religião.

Reconciliação é o fenômeno do reconhecimento e do reencontro: encontro-de-novo, encontro-o-outro, quando eu te encontro, eu te reconheço,

---

[2] Fita de Moebius: superfície estabelecida pela junção das duas extremidades de uma fita retangular, tendo sido uma delas submetida a uma rotação de 180º, de forma que se estabeleça um só bordo de um só lado; banda de Möbius – Dic. Michaelis.

quando nos re-conhecemos. No encontro, na relação dialógica, os polos não são mais contrários, não existe mais assimetria, poder, interesse, intenção secundária. É simplesmente, estar, ser. Diálogo é fluxo, reflexão combinada com ação, é comunicação, troca, permuta, é existir.

Existir é sempre uma experiência, sempre renovada e nunca conclusa. Existir é conjugar: sempre e nunca. Sempre, nunca existiu, e Nunca, nunca existirá. Na existência, interseccionam-se o permanente (num limite de tempo e espaço) e o efêmero (no passado e no futuro). O filósofo português, Boaventura de Souza Santos, sintetiza essa efemeridade de vivências do seguinte modo:

> Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser (SANTOS, 2002, p.5).

Reconciliar-se com o "oposto agonista", olhar de fora para dentro, é ser receptivo e não-julgador. Isso exige coragem, pois o medo de olhar para o Outro, inibe. É amedrontador abrir-se para o novo, mesmo sendo um velho conhecido (nossa Sombra). Ainda assim, esse estranho, esse desconhecido é parte integrante da nossa natureza, uma outra face de nós mesmos. A alma (como espírito) é a relação dialógica, o numinoso[3] mediador da razão e da "des-razão", do racional e do emocional, da intuição e da certeza, do desejo e da anomia, do consciente apercebido e do inconsciente despercebido. Alma é o aqui e agora, o "entre", o que media o antes e o depois, o ontem e o amanhã, o bom e o mau, a expectativa e a experiência.

Existe também relação dialógica nas palavras, nas escrituras, nos livros, numa obra de arte, ou mesmo numa música. Ao lermos um livro, por exemplo, estabelecemos um "diálogo" com o que lemos, porquanto são ideias que nos atravessam. Na medida em que absorvemos o conteúdo de um texto, fazemos uma interpretação automática. Essa interpretação é individual, própria e única. Embora

---

[3] Numinoso: adj. - diz-se de estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade; sm. - vivência que o ser humano tem dos fatores sobrenaturais de toda ordem que, agindo sobre seu estado psíquico geral, fazem surgir nele uma atitude religiosa.

seja meu o modo de entender a mensagem, ainda é o autor quem comunica, propondo o diálogo. A minha interpretação é o meu “diálogo” com ele. O texto é o “entre nós dois”, é o meio para nossa relação. O resultado, o produto, é o entendimento.

Vale destacar que “Nós”, muitas vezes representa “dois Eu(s)” e não “Tu e Eu”. A relação do Meu-Eu com um Eu-Outro – em psicoterapia poderia ser um outro-Eu. E somente quando há o reconhecimento do outro (Eu-Outro) é que se institui uma terceira pessoa, na interseção, no cruzamento, na aliança (terapêutica ou não) do meu Eu com o teu Tu, e, do teu Eu com o meu Tu. Aí então, somos Nós. Imbricados ciclicamente numa relação genuína, simétrica, equilibrada, por vezes inconsciente, por outras intencional, porém, desinteressada, que lembra uma Fita de Moebius.

Às vezes, procuramos ajuda num amigo, na díade de uma relação de amizade e confiança, principalmente. Mas, “Quem é um amigo? ‘Um outro eu’ ”, aforismo de Zenão de Eleia na citação de Ana Claudia Arantes (2016, p.110). Logo, busco no amigo, eu mesmo.

SOBRE RELAÇÃO DIALÓGICA, ALIANÇA TERAPÊUTICA E PSICOTERAPIAS

Buber (1982) trabalhou o conceito de inter-humano num dos ensaios contidos na obra “Do diálogo e do dialógico” e afirma que não temos noção do significado da nossa existência como seres humanos e que nossas relações extrapolam em muito o campo da simpatia.

Amatuzzi nos auxilia a perceber essa conexão de Buber com o existencialismo, incluindo sua influência para a Psicologia Fenomenológica, nas seguintes palavras:

> As características do encontro eu-tu, de que falava Buber, por exemplo, descreviam melhor, do ponto de vista fenomenológico, o que acontecia entre duas pessoas num encontro. A descrição da abordagem não se esgotava na descrição das atitudes *do terapeuta*; era preciso falar da *qualidade da relação.* (AMATUZZI, 2010b, p. 55, grifo do autor).

Estamos numa permanente relação dialógica com nosso passado individual e nosso passado coletivo. Da mesma maneira, estamos em relação dialógica com nosso futuro. Somos uma ponte entre dois estados temporais, duas instâncias fenomênicas, dois “mundos”, um vivido e outro a viver. Relacionando duas vivências numa vida. Um intermédio entre história(s) e um porvir. É isso que somos, esse instante intermediário, porém eterno. Uma relação é ser e não ser, sendo, aqui e agora, o elo entre o passado e o futuro. A um só tempo dizer e não dizer, dizendo o implícito, aquilo que não precisa ser dito, mas entendido e compreendido.

Nessa direção, Fernando Gomes (2008, p. 238) conceitua a aliança terapêutica como “a relação positiva e necessária entre terapeuta e paciente no processo a ser desenvolvido entre ambos. É compreendida como uma relação dual, uma verdadeira formação de compromisso entre duas pessoas”.

Então, na Psicoterapia, uma das formas de prática da Psicologia, no *tête-à-tête,* olho no olho, encontro de inconscientes, realiza-se um diálogo, uma conversa entre dois sujeitos, nas diversas formas de comunicação. Um processo singular de solicitação de ajuda e capacidade, assim como competência em ajudar. O mesmo autor menciona que “muitas vezes, o desejo de ajuda de um paciente, não é, necessariamente, transferencial, e sim racional, quando a realidade é que serve de motivação” (GOMES, 2008 p.244). Essa aliança estaria presente e embasa todas as psicoterapias. Essa realidade, que vem do exterior atuando no interior, pode ser o terapeuta: “a intervenção de um psicanalista durante uma sessão não é um meio que vem do exterior para agir sobre o processo analítico, mas deve ser considerada como a manifestação daquilo que ocorre nessa relação” (NASIO, 1999, p.8). Ampliando o campo, a intervenção psicoterápica, aquilo que vem do externo, age sobre o interno do paciente (um dos dois que sofre a inter-venção) não pela transferência, mas pela inter-ferência. Pelo que está no “entre”, na inter-relação, na manifestação do dialogismo sustentado.

Numa primeira vista, podemos pensar que relação dialógica é apenas um processo dialético. Mas, é mais do que isso. Vivemos, desde o nascimento, num

permanente processo dialético de vivências. Esta “vivência” (a vida mesmo, temporal) é feita de micro processos dialéticos mediados pelo diálogo.

Na concepção de Buber, não há existência (fenômeno) sem comunicação e diálogo. “O fator primitivo para Buber é a relação” (BUBER 2001, p.29). Os sujeitos/objetos não existem sem que haja uma interação entre eles. As palavras-princípio, Eu-Tu (relação) e Eu-Isso (experiência), demonstram as duas dimensões da filosofia do diálogo (relação dialógica). Segundo Buber (2001), essas palavras, relação e diálogo, dizem respeito à própria existência.

É possível verificarmos as noções buberianas em diversas abordagens psicoterápicas[4], mas, devido ao enquadre do presente artigo, vamos nos deter mais na abordagem de orientação psicanalítica, aprofundando-nos um pouco mais, no intuito de melhor visualizarmos as noções de relação dialógica e aliança terapêutica, propostos por Buber.

A relação profissional entre um paciente e seu psicoterapeuta pode ser breve, algumas semanas, ou durar anos. A relação dialógica que se estabelece acontece a cada momento. É no “abrir a porta” do consultório, no cruzamento de olhares, aperto de mãos, sorrisos, suspiros e todas as manifestações transferenciais e contratransferenciais. É um processo dinâmico que acontece a cada instante quando na presença um do outro. E até mesmo na ausência, porque as lembranças, rememorações, reflexões e *insights*, acarretam mudanças cognitivas e emocionais alterando constantemente a relação. Como diz Zimerman (2010, p.169), “os vínculos são mais importantes do que as pessoas separadamente”. Ainda, afirma o autor referindo-se ao paciente e o analista no vínculo do reconhecimento, “que, na atualidade, considera-se que as propriedades não estão tanto *nas* pessoas, mas sim, *entre* as pessoas e no intercâmbio entre elas” (grifo do autor). Está nas transferências e contratransferências (no plural mesmo).

Buber, em seu legado filosófico, nos apresenta a base, os pilares, o fundamento dos processos psicoterápicos, das relações interpessoais e das

---

[4] Psicoterapia “é um termo genérico que costuma ser empregado para designar qualquer tratamento realizado com método e propósitos psicológicos” (ZIMERMAN 1999, p.31).

percepções pessoas/objetos. Sim, porque numa entrevista de uma pessoa com outra pessoa, há uma interatividade que causa uma sensação, daí um afeto, e depois, um sentimento, constituindo-se num relacionamento. São as propriedades que estão “entre as pessoas”, no intercâmbio. Mesmo sendo um objeto desprovido de vida, este tem um significado e a possibilidade de comunicar, e essa comunicação de retorno semiológico torna-se relação dialógica porque possui sentido.

Percebemos assim que a interação entre o que sofre e aquele que acolhe este sofrimento é possível e necessária desde muito cedo, na vida e no processo analítico. A cumplicidade na dor é a forma de escuta, ainda que palavras não sejam pronunciadas. Psicanalista e paciente dialogam entre si e dialogam individualmente com a criança do passado, sempre presente e sempre se transformando.

Na Psicanálise, por exemplo, pode-se “utilizar” a relação dialógica por espelhamento. Quando do uso do divã, a dupla analista-analisando afastam-se respectivamente do seu campo de visão. Não existe mais o espelho humano (o Outro), mas apenas o espelho transferencial. Este *setting* permite, nas palavras de Naffah Neto (2014, p.151-152), além de mais conforto, “criar melhores condições para que ambos possam mergulhar *no desconhecido que os atravessa* nessa dimensão da realidade subjetiva e intersubjetiva que compreende o invisível”.

Favorece, por essa via, “tanto a atenção equiflutuante quanto a associação livre”, segundo o mesmo autor. Ainda que não seja uma “entre-vista”, “olho-no-olho”, há uma intensa relação entre dois seres humanos, consciente(s) e inconsciente(s), transferenciais e contratransferenciais, desejada e desejante. Acolher, escutar, apoiar e confortar. Na relação dialógica, a fala é uma consequência, como que um instrumento, veículo, vetor para que o sujeito possa fazer emergir seus sentimentos e afetos mais íntimos, reprimidos e recalcados. A voz, na fala, é como um instrumento musical, as palavras são as notas, a coerência é a harmonia, o ritmo a repetição e os atos falhos são as pausas. A vida é uma partitura. A vida é uma metáfora e a relação dialógica seus significantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos até aqui de reconhecer e descrever alguns aspectos da comunicação relacional dialógica em termos concretos, no aqui e agora, fenomenologicamente. Abordamos, de passagem, algumas relações entre as psicoterapias e a relação dialógica (a redundância é proposital), mais especificamente a abordagem psicanalítica.

Avançando um pouco num enfoque mais abstrato, existe também relação dialógica entre duas antíteses. É o caso entre *episteme* e *doxa*. A *episteme* (o conhecimento justificado cientificamente - empírico) se opõe à *doxa* (conhecimento não justificado – popular; cultural; ancestral, etc.). Mas, onde está a dialogia entre essas duas formas de conhecimento?

Está no homem, em sua capacidade cognitiva, relacional e mnemônica. São opostos cuja existência é imprescindível um ao outro. Consciente ou inconscientemente, esses dois saberes estão conectados (*relatio*) entre si. Não existe conhecimento epistemológico que não esteja impregnado de opinião, e, da mesma forma, não existe opinião que não se baseie em algum conhecimento, ou nas palavras do gestaltista Ginger (1995, p.39): “o aspecto do objeto depende das necessidades do sujeito, e, inversamente, que a necessidade do sujeito depende do aspecto do objeto”. Ao homem (*sapiens*) compete esta re-ligação (já mencionada), compulsivamente, e através dele e com ele, advém a relação dialógica em forma de síntese. Aqui, psicoterapia, relação e diálogo se interligam, se enredam.

Em Psicologia, como na relação dialógica, os protagonistas já se conhecem. Já existe uma relação pré-concebida à espera de realização, o momento da parturição, do “vir-à-luz”. Dar luz ao que pode a psicoterapia. Relação de proximidade e distância, pois tanto quanto afaga e acolhe, proporcionando o *holding*, também se distancia e afasta, como “distância afetiva segura”, que, na psicoterapia, permite ao terapeuta/analista uma escuta paciente, deixando campo aberto a múltiplas hipóteses e interpretações. O que é desejável. A distância relacional é o respeito à individualidade do outro, mantendo a simetria na relação, aproximando almas.

Então, “nada posso lhe dar que já não exista em você mesmo” (HESSE, 1995, p. 177) significa esse respeito mútuo, do paciente com a “chave na mão”, e o analista, por sua vez, orientando o paciente “como usar” a própria chave. Ambos na decifração do mesmo enigma, na mesma frequência, no mesmo *elan*. O analista decifra o quebra-cabeças que o desafiava. O analisando encontra o que buscava. São trabalhos individuais no mesmo “objeto”: “não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além daquele que há em sua própria alma” (Hesse). São as “relações objetais”.

“Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave”. Que possa a psicoterapia mostrar o caminho (da alma). “Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo e isso é tudo” (ainda Hesse). Que o paciente, cliente, analisando, sujeito, qual seja o adjetivo, através da sua análise, possa proceder os encontros dialógicos com o terapeuta, consigo mesmo e com o Outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro M. **Por uma psicologia humana**. Campinas, SP: Alínea, 2010a.

_____. **Rogers**: ética humanista e psicoterapia. Campinas, SP: Alínea, 2010b.

ARANTES, Ana Claudia Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2016.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton A. von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

GINGER, Serge. **Gestalt**: uma terapia do contato. São Paulo: Summus, 1995. p. 33-42.

DUNNE, Claire. **Carl Jung**: curador ferido de almas. São Paulo: Alaúde Ed., 2012.

GOMES, Fernando G. A aliança terapêutica e a relação real com o terapeuta. In: EIZIRIK, Cláudio L.; AGUIAR, Rogério W.; SCHESTATSKY, Sidnei S. (Orgs.). **Psicoterapia de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 1-20.

NAFFAH NETO, Alfredo. A psicanálise e a herança de Nietzsche sob a forma de dez mandamentos. In: PAULON, Simone M. **Nietzsche psicólogo**: a clínica à luz da filosofia trágica. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 145-165.

NASIO, Juan-David. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto, Portugal: Edições Afrontamento 2002.

XAUSA, Izar A. de Moraes. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.